

Juventudes e Cultura Política: ideologia como marcador social de diferença entre os jovens

Juventudes y cultura política: la ideología como marcador social de la diferencia entre los jóvenes

Youth and Political Culture: ideology as a social marker of difference between young people

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10055917>

Rogério de Oliveira Araújo¹

Universidade Federal do Piauí, Pedro II-PI, Brasil

rogeroliveira373@outlook.com - ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0617-3856>

Olívia Cristina Perez²

Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, Brasil

oliviaperez@ufpi.edu.br - ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>

Resumo. Esta pesquisa analisa a distinção entre jovens à esquerda e à direita com a intenção de analisar o quanto esses posicionamentos interferem nas suas percepções sobre política. Adotamos metodologia quantitativa descritiva a partir dos bancos de dados do ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro) onda 2022. Este banco de dados foi escolhido na medida em que traz um recorte pensado especificamente para o eleitorado brasileiro, possuindo em seu questionário variáveis que possibilitam analisar elementos da cultura política, das quais abordamos neste estudo: avaliação da democracia; das instituições democráticas; identificação ideológica e interesse por política. Como resultados constatamos que a ideologia se constitui num marcador social que não implica diferenças significativas entre os jovens em relação à confiança nas instituições, mas sim no interesse por política. Além disso, os dados evidenciam que as juventudes assumem seus posicionamentos ideológicos ativamente, contrariando a ideia de uma juventude apática politicamente. Contribuímos assim para os estudos sobre as juventudes delimitando alguns fatores relacionados a sua diversidade e percepção política.

Palavras-chave: Juventudes; Cultura Política; Ideologia; Comportamento político.

Resumen. Esta investigación analiza la distinción entre jóvenes de izquierda y derecha con la intención de analizar en qué medida estas posiciones interfieren en las percepciones sobre la política. Adoptamos una metodología cuantitativa descriptiva a partir de las bases de datos del ESEB (Estudio Electoral Brasileño) do año 2022. Esta base de datos fue elegida porque trae un corte específicamente diseñado para el electorado brasileño, teniendo en su cuestionario variables que permiten analizar elementos de la política cultural, de las cuales abordamos en este estudio: evaluación de la democracia; de las instituciones democráticas; identificación ideológica e interés por la política. Como resultado, encontramos que la ideología constituye un marcador social que no implica diferencias significativas entre los jóvenes en relación a la confianza en las instituciones, sino más bien en el interés por la política. Además, los datos muestran que los jóvenes asumen activamente sus posiciones ideológicas, contradiciendo la idea de una juventud políticamente apática. Así, contribuimos a los estudios sobre jóvenes delimitando algunos factores relacionados con su diversidad y percepción política.

Palabras clave: Juventudes; Cultura Política; Ideología; Comportamiento político.

Cita sugerida: Oliveira Araújo, R., Pérez, O. C. (2023). Juventudes e Cultura Política: ideologia como marcador social de diferença entre os jovens. Revista *CRONÍA* Nº 19

Abstract

This research focuses on differences between left and right wing youth with the aim of analyzing up to what extent their positions interfere in their perceptions on politics. We adopted a quantitative and descriptive approach focusing on the database of the ESEB (Brazilian Electoral Study) 2022. The selection of this database is grounded on the fact that it is specifically designed for the Brazilian electorate, accounting for variables in its questionnaire that lend themselves for the analysis of elements on cultural politics. The ones addressed in this study are the evaluation of democracy, of democratic institutions, ideological interest and interest on politics. As a result, we found that ideology constitutes a social marker that does not imply significant differences between the youth in relation to their trust on institutions but rather on their interest in politics. Furthermore, the data shows that young people actively assume their ideological positions, challenging the idea of a politically apathetic youth. Therefore, this is a contribution on studies on the youth delimiting some variables related to their diversity and political perception.

Keywords: Youth; Political Culture; Ideology; Political behavior.

Introdução

Neste trabalho entendemos que as juventudes englobam na sua conceituação elementos biológicos e sociais que se correlacionam de forma dinâmica, histórica e culturalmente construída (Vommaro, 2015; Groppo, 2017). Assim, juventude é, segundo Vommaro (2015), uma concepção sócio-histórica que só pode ser compreendida de forma relacional. A compreensão das juventudes, nessa perspectiva, vai além da questão etária, posto que fatores sociais, políticos, culturais e econômicos incidem sobre a realidade social desses indivíduos e o modo como são reconhecidos pela sociedade (Vommaro, 2015).

Assumir esse pressuposto é essencial para reconhecer como os diversos marcadores sociais da diferença incidem nas juventudes. Moutinho (2014) delimita marcadores sociais da diferença como os dispositivos que nos demarcam e criam a relação entre o “nós” e o “eles”. Nesse aspecto, a própria condição juvenil pode ser compreendida como um marcador social que implica uma posição determinada na sociedade (Melo, Malfitano e Lopes, 2020).

A partir dessa concepção, buscamos analisar a pluralidade que envolve as juventudes, em especial no campo da cultura política. O problema de pesquisa que guia este estudo pode ser sintetizado na seguinte questão: ¿em que medida a identificação ideológica incide sobre a cultura política e demarca diferenças entre as juventudes do Brasil? A pergunta tem a intenção de entender as diferenças entre as juventudes, partindo do pressuposto de que elas não podem ser consideradas blocos homogêneos.

Os primeiros estudos sobre juventude tenderam a abordá-las sob o viés da transformação social, compreendendo a juventude como um ator, se não central, ao menos relevante nos movimentos sociais e nas revoluções dos padrões de comportamento social (Melucci, 1997; Sherer-Warren, 2014).

Embora essa não seja a tônica central, as juventudes continuam a ser analisadas como protagonistas de protestos e organizações políticas. Analisando a literatura recente sobre juventudes, é possível notar que essa tem se concentrado em questões ligadas à socialização política, na perspectiva de compreender como os jovens formam suas preferências políticas e partidárias e atuam na arena da política (Ribeiro e Fuks, 2019; Araújo e Perez, 2021; Okado e Ribeiro, 2015).

Outra linha de estudo tem destacado novos padrões de organização entre as juventudes. Os estudos constataam a rejeição delas aos canais mais institucionalizados de participação e mesmo aos movimentos sociais clássicos (Taguenca Belmonte e García, 2018; Perez, 2019; Perez e Souza, 2020; Perez, 2021). Estudos como os de Perez (2019) apresentam como a juventude tem integrado os chamados coletivos em busca de formas de participação direta e menos hierarquizada. Em consonância, Becerra e Giménez (2023) propõem um estudo sobre as capacidades políticas da juventude, em vista de compreender como essas competências se manifestam em ações transformadoras. Groppo *et al.* (2023), focando nos movimentos estudantis, comentam sobre as ocupações nas escolas do Brasil pelos estudantes secundaristas, reforçando a visão sobre o potencial de mobilização política da juventude. Perez e Vommaro (2023) contribuem nessa discussão ao apresentar como os movimentos estudantis liderados por jovens se organizaram e pautaram suas ações durante a pandemia.

Um outro campo de reflexão sobre as juventudes tem se concentrado no impacto das tecnologias e mídias de comunicação (Ramirez, 2016; Baquero e Morais, 2018; Severo *et al.*, 2023). Baquero e Morais (2018) evidenciam, nesse sentido, como a internet, contrariamente ao que se acreditava, estaria incidindo em uma despolitização da juventude, ao menos no sentido de uma participação mais institucional. Severo *et al.* (2023) ampliam essa reflexão ao constatar que as juventudes têm assimilado as mídias sociais como um espaço a mais de socialização política e não como subs-

tuição a instituições clássicas de socialização política, a exemplo da escola e da família. Tal constatação corrobora com teorias como as de Urbinati (2016), que apresentam como a internet pode ter influenciado diretamente na rejeição aos canais institucionais de participação.

Importa ressaltar também a perspectiva da juventude diante dos estudos no campo das políticas públicas. Nesse setor, há estudos que vão desde a concepção da juventude enquanto problema a ser resolvido até a análise da constituição de políticas públicas para a juventude e como elas incluem esses atores nos seus processos de construção e efetivação (Bussinguer e Neves, 2016; Martins 2021; Castro, 2021; Araújo e Perez, 2023).

Essa literatura em geral se concentra na mobilização das juventudes com o objetivo de transformação social –o que podemos entender como à esquerda no espectro político ideológico. No entanto, na última década, tem se tornado mais evidente a participação da juventude não apenas em movimentos sociais à esquerda ou outros grupos, a exemplo dos coletivos, mas também na atuação em movimentos reacionários e conservadores (Araújo, Barros e Perez, 2022). Daí a relevância de abordar elementos da cultura política dos jovens, especificamente a ideologia, com o objetivo de apresentar a diversidade das juventudes, com foco nos posicionamentos à esquerda e à direita.

Segundo Bobbio (1995), a diferença entre esquerda e direita se daria pela maior valorização da igualdade pelos primeiros, enquanto os segundos priorizariam a liberdade. Essa conceituação passa, no entanto, pela consideração de que cada contexto sócio-histórico compreende formas distintas de entender o que é direita e esquerda, no entanto é inegável que o posicionamento ideológico influencia na visão de mundo dos atores (Vieira e Maciel, 2009). A partir disso, tomamos como hipótese que a ideologia implica diferenças entre as juventudes quanto à cultura política, especialmente na avaliação da democracia e no interesse por política.

Adotamos para os fins desta investigação a metodologia quantitativa descritiva a partir da análise dos bancos de dados do ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro) em sua última aplicação, realizada no período pós-eleitoral de 2022. O Estudo Eleitoral Brasileiro se constitui em um survey aplicado no período pós-eleições nacionais brasileiras, desde 2002. O survey é pensado especificamente para analisar a cultura política do brasileiro e como ela incide sobre as eleições nacionais. O ESEB é realizado a partir de seleção probabilística dos municípios brasileiros, considerando o método de probabilidade proporcional ao tamanho, formando a amostragem por estratos segundo o estado. A partir desse recorte, o ESEB seleciona os respondentes segundo quotas de sexo, idade, escolaridade, profissão e bairros por domicílio, de modo a espelhar o panorama da sociedade brasileira como um todo (CESOP, 2023).

A partir desse banco de dados, foram trabalhadas as variáveis: idade, autoidentificação ideológica, confiança nas instituições (três poderes), avaliação da democracia e interesse por política. Ao todo a amostra do ESEB de 2022 utilizada neste estudo contabiliza 525 jovens de 16 a 29 anos de idade. Esse recorte etário é utilizado na medida em que o ESEB, enquanto survey eleitoral, só considera os indivíduos aptos a votar, excluindo assim os menores de 16 anos.

Para iniciar nossas análises, estabelecemos a categorização dos indivíduos segundo sua resposta à questão de autoidentificação ideológica, na qual estes deveriam marcar um número de 0 a 10 acordo com seu posicionamento ideológico, sendo 0 totalmente à esquerda e 10 à direita. Assim, realizamos uma distinção entre jovens à esquerda (que marcaram entre 0 e 3 na tabela de identificação ideológica nesse sentido); jovens à direita (7 a 10) e jovens ao centro (4 a 6); destacamos também aqueles que não se posicionaram ideologicamente. A partir dessa categorização, cruzamos os dados para aferir como cada um avaliava a democracia, confiava nas instituições e se interessava por política.

Este estudo contribui com o campo de pesquisa sobre as juventudes ao evidenciar a diversidade que esses atores podem assumir – de esquerda ou de direita e quanto isso impacta nas suas percepções das instituições políticas. Além disso, traz para o debate uma visão da juventude não apenas como partícipe de movimentos revolucionários, mas igualmente inserida e permeada por movimentos reacionários, ideologicamente à direita.

Juventudes: análises a partir do recorte ideológico

Além das condições socioeconômicas, a juventude também é perpassada por outros marcadores que incidem sobre a sua posição na sociedade e percepção sobre política. Consideramos aqui a ideologia como um fator importante, especialmente quando se constata que os jovens não se encontram apenas no polo revolucionário da sociedade, mas também integram grupos reacionários. Para entender melhor esse fenômeno, com base em 525 respostas dos jovens ao survey do ESEB 2022, dispomos inicialmente a distribuição ideológica dos jovens categorizados em “jovens à esquerda, centro, jovens à direita e sem posicionamento ideológico”. A distribuição segue expressa na figura 1.

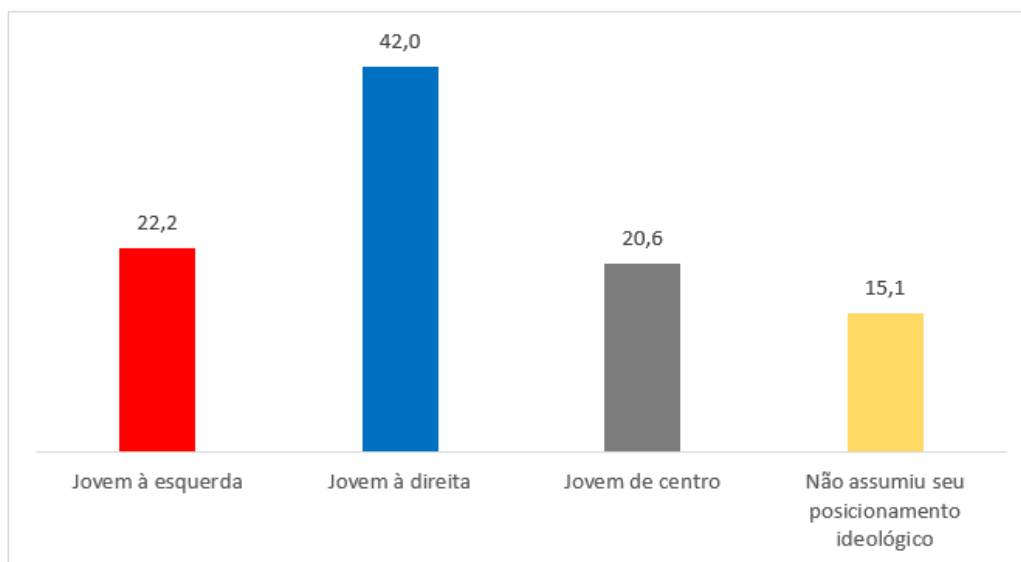


Figura 1: Gráfico Distribuição ideológica dos jovens (%). Fonte: Elaboração das autoras com base no ESEB 2022.

A figura 1 apresenta o posicionamento dos jovens segundo sua autofiliação ideológica. Desse modo, temos 22,2% dos jovens posicionados à esquerda, 20,6% identificados mais ao centro e 15,1% não assumiram nenhum posicionamento ideológico (“não sabe o que é direita e esquerda e não respondeu”). Destacando-se das demais categorias, temos os jovens à direita, que somam 42%.

Os dados apresentados da Figura 1 destoam da literatura sobre as juventudes, na medida em que apresentam uma juventude mais identificada com à direita do que com o campo progressista. Os estudos sobre juventude tenderam até recentemente a enfatizá-la em uma perspectiva revolucionária, encarando esses atores a partir do seu protagonismo em movimentos contestatórios (Sherer-Warren, 2014; Melucci, 1997). No entanto estudos recentes têm destacado o posicionamento à direita das juventudes (Araújo, Barros e Perez, 2022). Entendemos que esse olhar recente para as direitas se deve à percepção das diversidades das juventudes, mas também ao contexto político do Brasil –com a ascensão da direita representada pelo governo de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Embora minoria, também chama atenção na Figura 1 a porcentagem de jovens que não se posicionaram ideologicamente (15,1%). Esses dados precisam ser problematizados: eles podem significar falta de interesse pela política institucional, desconhecimento acerca do que é esquerda e direita, falta de interesse pela política em geral, ou mesmo uma dificuldade de expressão sobre preferências políticas em um contexto de cerceamento dessa discussão. Sugerimos então que os motivos que levam a esse tipo de resposta sejam melhor examinados.

Após a apresentação do panorama do perfil das juventudes, tomando como ponto de partida a ideologia, passamos à avaliação sobre como a posição ideológica impacta na percepção dessas juventudes sobre questões centrais para a democracia, tais como: a avaliação do sistema democrático, confiança nas instituições e interesse por política. Nesses quesitos esperávamos diferenças significativas entre as juventudes das esquerdas e das direitas, entretanto encontramos muitas semelhanças.

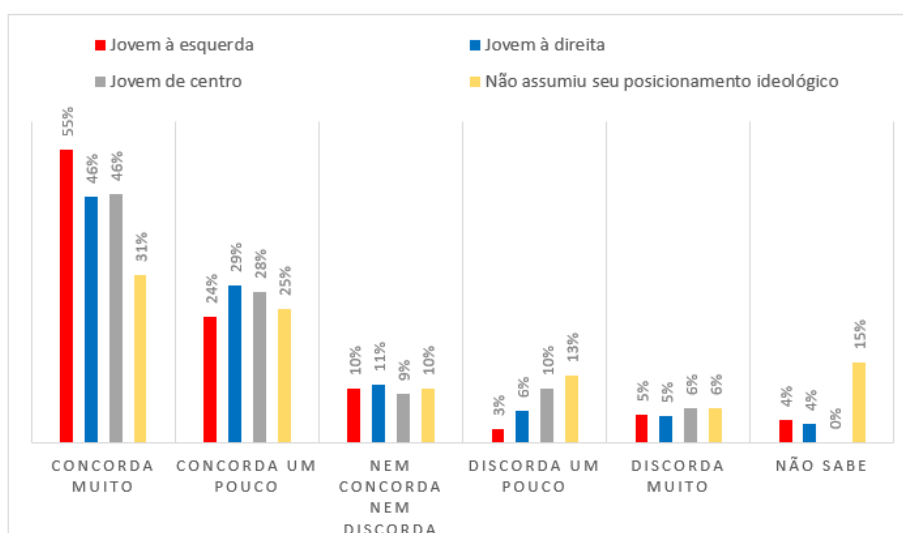


Figura 2: Gráfico concordância sobre a democracia ser a melhor forma de governo. Fonte: Elaboração das autoras com base no ESEB 2022.

Especificamente, na Figura 2, abordamos a avaliação das juventudes sobre a democracia enquanto melhor forma de regime de governo, para saber se ser de esquerda ou de direita interfere nessa percepção.

A variável que mobiliza a Figura 2 questiona a concordância com a seguinte afirmação: a democracia é sempre e sob quaisquer circunstâncias preferível a qualquer outra forma de governo. De forma bem similar, os jovens concordam com a afirmação: jovens à esquerda 55%, centro 46%, à direita 46% e sem posicionamento ideológico 31%. Esse dado é preocupante, especialmente porque, entre os jovens de centro e à direita, a maioria deles não concorda com a afirmação de que a democracia é a melhor forma de governo. Isso confirma o fato de que a democracia brasileira não tem apoio maciço. Importa lembrar os movimentos pós-eleição do atual presidente Lula no Brasil (especificamente os atos ocorridos em 8 de janeiro de 2023), nos quais os apoiadores de Jair Bolsonaro (assumidamente à direita) chegaram a montar acampamentos em frente a quartéis do exército exigindo intervenção militar para salvar a democracia brasileira do comunismo (G1, 2022).

Os jovens que não se posicionaram ideologicamente foram os que apresentaram o menor percentual de muita concordância. Esse dado pode estar correlacionado com a dificuldade de compreensão entre os mesmos sobre conceitos políticos abstratos, posto que essa categoria é principalmente formada pelos que assumiram não saber diferenciar esquerda de direita.

De modo a aprofundar como os posicionamentos ideológicos dos jovens incidem sobre sua cultura política, organizamos na Figura 3 a relação entre ideologia e confiança nas instituições democráticas. Delimitamos como instituições democráticas os três poderes da República Brasileira: o legislativo, na figura do congresso; o executivo, representado pelo governo federal; e o judiciário.

Os dados da Figura 3 apontam como as instituições clássicas do sistema democrático possuem pouca confiança por parte dos jovens. Quando consideramos o grau de muita confiança, o maior percentual foi encontrado entre os jovens à direita e em relação ao governo federal, somando 27%, ante 11% dos jovens à esquerda, 15% dos jovens ao centro e 10% dos jovens sem identificação ideológica. O destaque se dá para os níveis de pouca confiança que flutuam entre 36 e 55%, evidenciando uma desconfiança cristalizada nas juventudes em relação às instituições democráticas.

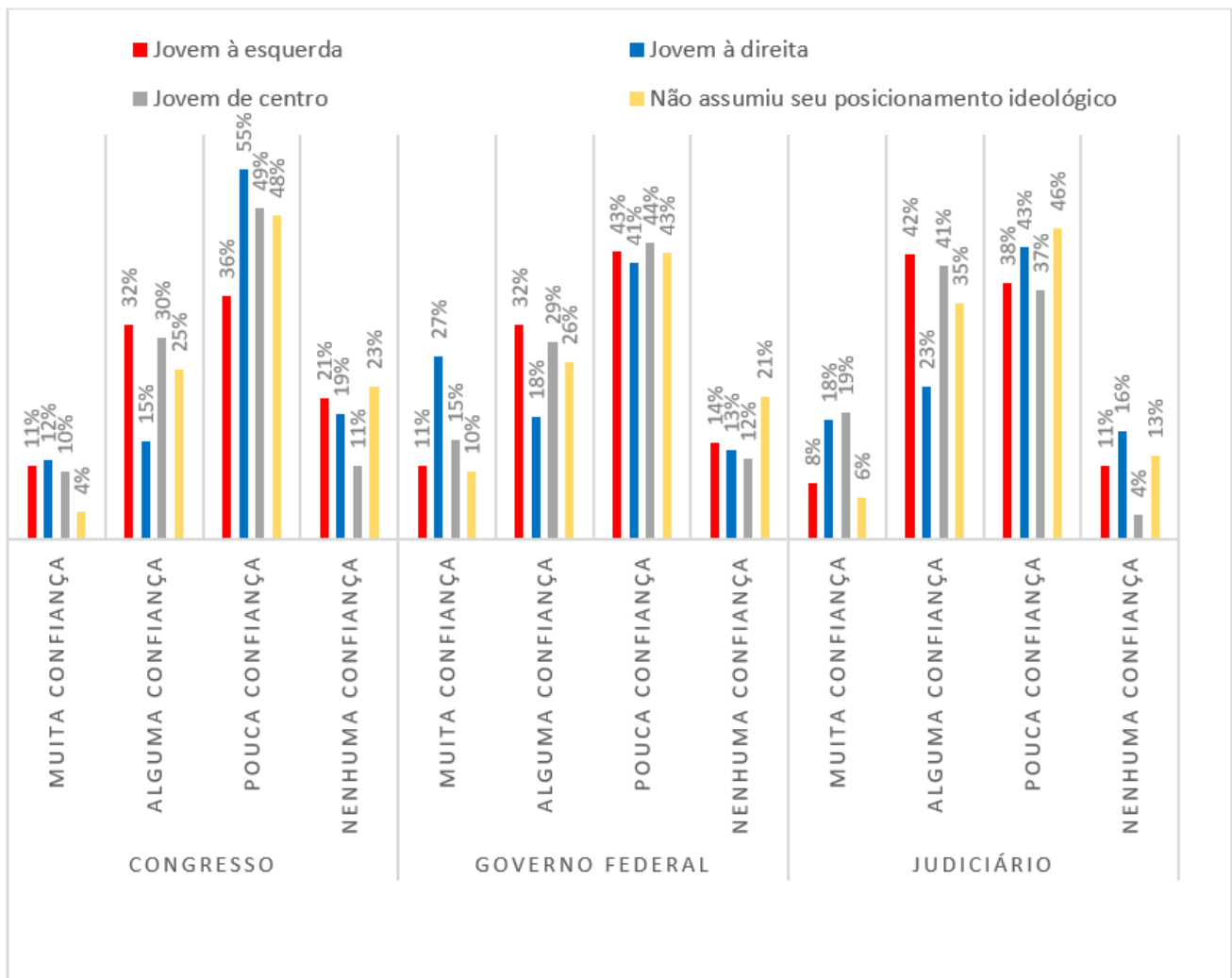


Figura 3: Gráfico confiança nas Instituições. Fonte: Elaboração das autoras com base no ESEB 2022.

O congresso é a instituição com a pior avaliação por parte dos jovens. Podemos considerar como hipótese para essa alta rejeição a condição da casa parlamentar, enquanto um poder menos personalista e atrelado à figura de atuação partidária. Como pontuamos em outros estudos (Araújo e Perez, 2021; Araújo, Barros e Perez, 2022), a estrutura de funcionamento dos partidos políticos tende a afastar as juventudes, posto que exige um perfil de comportamento mais “adultizado”, constituindo-se em estruturas essencialmente adultocêntricas.

Quando consideramos o nível de alguma confiança, algumas considerações necessitam ser realizadas. A primeira que destacamos é o maior nível de alguma confiança entre os jovens à esquerda em relação ao congresso (32%) e ao judiciário (42%), quando comparados com os jovens à direita (15% e 23%, respectivamente). Para dar conta desse dado, é preciso retomar o contexto político do Brasil em 2022, no qual o congresso assumiu maior protagonismo diante da disputa política entre parlamentares à direita e à esquerda. Nesse mesmo sentido, o judiciário vai ganhar destaque, com ampla atividade que ia de encontro às pautas defendidas pelo então governo de Bolsonaro (Galf, 2022), apoiado pela direita.

De modo a averiguar como a ideologia se relaciona com a agência política dos jovens, apresentamos na Figura 4 uma descrição do apreço pela política por parte das juventudes. Essa Figura é relevante, uma vez que a afeição pela política é um dado central na cultura dos atores, posto que se relaciona com o seu interesse para a ação nesse campo em suas diversas formas, institucionais e não institucionais.

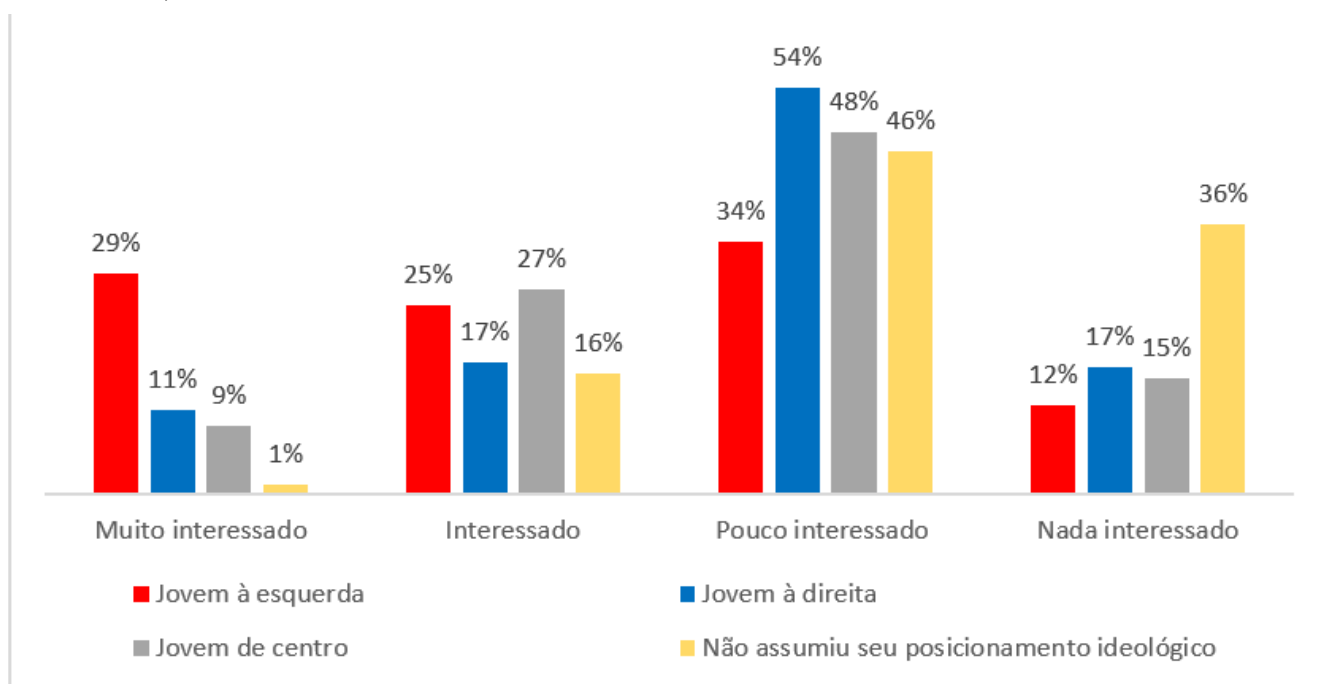


Figura 4. Gráfico Interesse por política dos jovens. Fonte: Elaboração das autoras com base no ESEB 2022.

A Figura 4 apresenta um panorama do interesse por política dos jovens. Temos como destaque o alto interesse por política entre os jovens à esquerda, somando 29%, ante 11% dos jovens à direita, 9% dos jovens de centro e 1% dos sem posicionamento ideológico. Quando somamos o nível de muito interesse e interessado, temos 54% de interesse por política entre os jovens à esquerda, enquanto os jovens à direita somam 28%, os jovens de centro 36% e os sem identificação ideológica 17%. Esse foi o dado que realmente diferenciou os jovens de esquerda e de direita com os jovens de esquerda se interessando mais por política.

Tal resultado pode ser lido de várias formas. Primeiro, os jovens que mais se interessam por política são de esquerda porque, ao se interessarem e terem contato com os temas, eles conseguem perceber que fazem parte de uma grande maioria no Brasil mais sujeita a opressões sociais e com menos possibilidade de acesso a direitos – o que os leva a um posicionamento contra o *status quo* estabelecido - tipicamente da esquerda.

Outra possibilidade de explicação é que os jovens de esquerda encontram mais espaço de discussão e atuação política, especialmente considerando que o movimento estudantil é prioritariamente formado por jovens que se identificam dessa forma.

O avanço de interesse dos jovens pela esquerda pode também ter relação com o contexto político das eleições de 2022, marcado por um movimento amplo de oposição ao governo de Jair Bolsonaro (direita) e apoio ao agora presiden-

te Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT), partido que é tido como principal legenda à esquerda no Brasil. Em determinado momento, pesquisas do Datafolha chegaram a apontar o apoio de 51% dos jovens de 16 a 29 anos para o então candidato Lula, do PT (Braun, 2022). Esse dado é reforçado ainda pelo amplo interesse que os jovens expressaram nesta última eleição para expedir o seu título de eleitor: mais de 2 milhões de novos eleitores jovens foram cadastrados no último pleito (Braun, 2022).

Por outro lado, o maior interesse dos jovens à esquerda pela política explica o fato de que a literatura que aborda a participação política das juventudes em geral se concentre nos jovens à esquerda, já que de fato eles se interessam mais pela atuação política, como demonstrado na Figura 4.

Destacamos também que o interesse das juventudes à esquerda pela política não significa apoio às instituições democráticas, como observamos nas Figuras 2 e 3. O que os estudos têm constatado é a busca pelas juventudes por novas formas de participação, menos burocratizadas e hierarquizadas (Araújo e Perez, 2021; Perez e Souza, 2020; Zuccolotto e Teixeira, 2020) e distantes da política institucional. Ou seja, há uma certa constatação de que o sistema político partidário é limitado na inclusão das diversidades, inclusive dos próprios jovens, mas isso não significa o desinteresse pela política, especialmente entre os jovens da esquerda, como mostram os dados da Figura 4.

Na outra ponta da Figura 4, destacamos o desinteresse por política entre os jovens sem posicionamento ideológico (36%). Podemos relacionar esse resultado com a própria definição dessa categoria. Os mesmos jovens que não souberam diferenciar o que é esquerda de direita e, por isso, não se autoidentificaram com essas categorias, revelaram pouco interesse por política. Esse resultado é esperado, considerando que indivíduos que não estão próximos do debate político e, portanto, não se familiarizam com conceitos como esquerda e direita, têm dificuldades para se posicionarem nos campos ideológicos.

Ainda que os jovens à esquerda se interessem mais por política do que os de direita, o campo das direitas entre as juventudes precisa ser melhor analisado, dada a sua presença e importância. A direita elegeu, em 2022, lideranças jovens para o Congresso Nacional brasileiro com expressiva votação, como o agora Deputado Federal Nikolas Ferreira, do PL – o deputado com a maior votação da história brasileira, com quase 1,5 milhão de votos (G1 Minas, 2022).

Conclusão

O presente trabalho discorreu sobre as diferenças que perpassam a juventude com foco nas suas autopercepções sobre filiação ideológica (à esquerda, centro ou à direita). Especificamente analisamos como as juventudes compreendidas à esquerda, ao centro e à direita e os que não se posicionaram ideologicamente se assemelham ou se diferenciam quanto à avaliação da democracia, confiança nas instituições e interesse por política.

Constatamos que certas concepções comuns, como a percepção das juventudes de tez essencialmente progressista, não se sustentam diante dos dados empíricos, posto que a maioria dos jovens se identifica como jovens à direita. No entanto ser de direita ou de esquerda pouco variou na confiança no sistema democrático brasileiro ou nas suas instituições – o que mostra que essa desconfiança é geral entre as juventudes brasileiras. O que de fato diferenciou ser de esquerda ou de direita foi o interesse pela política maior entre os jovens à esquerda. Destacamos que, nos dados apresentados, é importante considerar o peso da conjuntura política, que no Brasil foi marcado por uma forte ascensão da direita representada pelo governo de Jair Bolsonaro (de 2019 a 2022) e agora, mais à esquerda, com a volta do governo Lula pelo Partido dos Trabalhadores.

Chamamos a atenção também para o fato de que o desinteresse pela política ou a baixa confiança nas instituições democráticas não devem ser lidos como apatia das juventudes. O crescimento de novos movimentos sociais à esquerda e à direita que recusam a forma de organização partidária e institucional, a exemplo dos coletivos, mostra que os jovens, mesmo distantes das arenas institucionais, continuam a fazer política.

Destacamos, por fim, que o campo de pesquisa sobre as juventudes, em especial sobre sua cultura política, permanece com amplas possibilidades de pesquisa, como a necessidade de relacionar outros marcadores sociais, como gênero, raça e territorialidade, com a cultura e a atuação política das juventudes.

Referências bibliográficas

- Araújo, R. de O., & Perez, O. C. (2023). Juventudes e Marcadores Sociais da Diferença nos Planos Estaduais de Juventude do Brasil. *Revista Iberoamericana*, XXII (82), 81–96.
- Araújo, R. de O., & Perez, O. C. (2021). Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. *Estudos de Sociologia*, 26 (50), 327–349.
- Araújo, R. de O., Barros, R. F., & Perez, O. C. (2022). Jovens e opinião sobre política: Semelhanças e diferenças entre as juventudes de direita e de esquerda no Brasil. *Studia Politicae*, 57, 41–57.
- Baquero, M. & Morais, J. A. de. (2018). A internet e a (des)política dos jovens brasileiros. *Revista Cadernos de Campo*, 25, 33–62.
- Becerra, M. H. L., & Giménez, P. A. P. (2023). Capacidades políticas y acciones transformadoras de los y las jóvenes en los territorios. Em P. Vommaro & A. Barcala (Orgs.), *Transformando realidades: Juventudes, niñeces, políticas públicas y cambio social en América Latina y el Caribe* (pp. 75–114). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO.
- Bobbio, N. (1995). *Esquerda e direita: razões e significados de uma distinção*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo.
- Braun, J. (2022). Jovens na eleição: Eleitores de até 30 anos podem ser decisivos em 2022, dizem especialistas. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62430233>
- Bussinger, E. C. de A. & Neves, E. S. da S. (2016). Juventude e políticas públicas: bônus ou oportunidades, perdidas? *Revista de Direitos e Garantias Fundamentais*, 17 (2), 241–292.
- Castro, E. G. (2021). Juventude do/no campo: caminhos teóricos, metodológicos e nas políticas públicas revisitando 2013. Em de Almeida, E., Pinheiro, L. R., Groppo, L. A. & Iriart, M. F. *Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos: uma antologia do GT03 da ANPEd* (pp. 139–169). São Carlos: Pedro & João Editores.
- CESOP centro de estudos de opinião pública. (2023). <https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb/ondas/11>.
- Entenda como acampamentos golpistas montados depois da eleição resultaram em atos de violência e terrorismo em Brasília. (2022, dezembro 30). G1. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/30/entenda-acampamentos-bolsonaristas-violencia-terrorismo.ghtml>
- Galf, R. (2022). STF decidiu mais e mais rápido em ações contra governo Bolsonaro após pandemia. Folha de S. Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/stf-decidiu-mais-e-mais-rapido-em-aco-es-contra-governo-bolsonaro-apos-pandemia.shtml>
- Groppo, L. A. (2017). *Introdução à Sociologia da Juventude*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Groppo, L. A., Tomizaki, K. A., Corrochano, M. C., Borges, L., Ginzler, F. & Biliatto, C. (2023). “Um ato de liberdade”: Movimento de estudantes secundaristas em São Paulo, 2015. *Campinas: Pro-Posições*, 34 (01), 1-28.
- Martins, L. R. (2021). Juventude rural no Brasil: referências para debate. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 29 (1), 94–112.
- Melo, K. M. M., Malfitano, A. P. S. & Lopes, R. E. (2020). Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28 (3), 1061–1071.
- Melucci, A. (1994). Juventude, tempo e movimento sociais. *Revista Brasileira de Educação*, 6 (5), 05–14.
- Moutinho, L. (2014). Diferenças e desigualdades negociadas: Raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, 42, 201–248.
- Okado, L. T. A. & Ribeiro, E. A. (2015). Condição juvenil e a participação política no Brasil. *Paraná Eleitoral. Revista Brasileira de direito eleitoral e ciência política*, 4(1), Artigo 1.
- Perez, O. C. (2019). Relação entre coletivos e as Jornadas de Junho. *Opinião Pública*, 25 (3), 577–596.
- Perez, O. C. (2021). Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013. *Izquierdas*, 1, 1–16.
- Perez, O. C., & Souza, B. M. (2020). Coletivos universitários e o discurso de afastamento da política parlamentar. *Educação e Pesquisa*, 1, 1–19.
- Perez, O. C. & Vommaro, P. (2023). Juventudes latino-americanas: Desafios e potencialidades no contexto da pandemia. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 23, 01-12.
- Quem é Nikolas Ferreira (PL), o deputado federal mais votado do Brasil e da história de Minas Gerais. (2022, outubro 3). G1. <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/quem-e-nikolas-ferreira-pl-o-deputado-federal-mais-votado-do-brasil-e-da-historia-de-minas-gerais.ghtml>

- Ramírez, L. (2016). Dinâmicas transnacionais em tempos de internet: jovens, mobilização e a apropriação do Facebook na Colômbia e no Brasil. *Desidades*, 12, 08–16.
- Ribeiro, E. A. & Fuks, M. (2019). Tolerância política no Brasil. *Opinião Pública*, 25(3), 531–555.
- Scherer-Warren, I. (2014). Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. *Caderno CRH*, 27 (71), 417–429.
- Severo, R. G., Barcellos, S. B., Gomes, S. da S. R., Severo, R. G., Barcellos, S. B. & Gomes, S. da S. R. (2023). Confiança e socialização política nas mídias digitais perspectiva de jovens no ensino médio do Rio Grande do Sul. *Revista Diálogo Educacional*, 23 (76), 493–514.
- Urbinati, N. (2016). Uma revolta contra os corpos intermediários. *Laviathan: Cadernos de Pesquisa Política*, 12, 176–200.
- Taguena Belmonte, J. A. & García, R. G. (2018). La participación política de jóvenes universitarios de Hidalgo, México. Posibilidades y tipos. *Ánfora*, 25 (45), 219–256.
- Vieira, S. M., & Maciel, N. (2011). *Os partidos brasileiros são todos iguais? A análise das diferenças entre os partidos segundo documentos políticos*. 35º Encontro anual da Anpocs, Caxambu, MG, Anais eletrônicos. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, São Paulo, Brasil, 1-30. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/9650>
- Vommaro, P. (2015). *Juventudes y políticas en la Argentina y en América Latina: tendencias, conflictos y desafíos*. Grupo Editor Universitario.
- Zuccolotto, R. & Teixeira, M. A. C. (2020). La Representación en el siglo XXI. Em Torruella, J. M, Martins, S. & Nebot, C. P. *¿Una Nueva democracia para el siglo XXI?* (pp. 23–35). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso.

Notas

1 Doutorando em Políticas Públicas pela UFPI; Mestre em Ciência Política pela UFPI. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Piauí. Email: rogeroliveira373@outlook.com

2 Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo/Brasil. Tem estágio pós-doutoral no Programa de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (Cinde/Clacso). Professora Adjunta de Ciência Política na Universidade Federal do Piauí. Email: oliviaperez@ufpi.edu.br